

A AD, A HISTÓRIA E A LITERATURA: ENTRECRUZAMENTOS ATRAVÉS DOS ESCRITOS GRACILIANISTAS

Cristiano Cezar Gomes da Silva

Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (Doutorando)

Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL)

Faculdade de Formação de Professores de Belo Jardim (FABEJA)

Neste trabalho propomos analisar a emergência da escrita de Graciliano Ramos em uma série de formulações distintas e dispersas que se articula a partir de enunciados pré-existentes, *já-ditos*, um *já-discurso* sobre o Nordeste e o momento político das décadas de 1930 e 1940 no Brasil. Esse interdiscurso é retomado para uma enunciação de denúncia social e atualização da memória discursiva afetada pelas condições de produção em que se inscreve: o governo Getúlio Vargas, o silenciamento e o autoritarismo daquele período.

No embate pelo domínio e construção de uma memória social e histórica, atravessada por lembranças, esquecimentos e pelos pré-construídos de seca, miséria e miscigenação étnica harmoniosa, Graciliano parte das suas experiências em um passado distante, de uma memória individual. Atualiza-a e a reinscreve como acontecimento nos escritos ficcionais e não-ficcionais. Inscreve essas experiências na memória coletiva, construindo efeitos de memória. Entretanto, os escritos gracilianistas, especificamente *Vidas Secas* e os não-ficcionais, irrompem na regularidade discursiva sobre um Brasil em desenvolvimento e modernização pretendido pelo Estado Novo. Inserem-se como intradiscurso, como uma resistência à dominação que, segundo Pêcheux (1975), é o “primeiro prático da luta de classes, que significa que é preciso ousar se revoltar”. Graciliano incita literatos contemporâneos seus e se desvela marcadamente pelas formações ideológicas que o atravessa e o interpela como sujeito.

Cabe-nos ainda enfatizar que a AD surge do ponto de vista político na perspectiva de uma intervenção, de transformação, visando combater o formalismo lingüístico, então vigente na França do final dos anos de 1960. A AD buscava “desautomatizar” a relação com a linguagem, surgindo daí a sua relação crítica com a lingüística. Como observa Leandro Ferreira (2005), a AD abre um novo campo de questões no interior da própria lingüística, operando um sensível deslocamento de terreno na área, sobretudo nos conceitos de língua, historicidade e sujeito, deixados à margem pelas correntes lingüísticas da época.

Ao discutirmos os diálogos possíveis entre a história e a literatura, enfocamos a proximidade entre ambas. No entanto, não negamos questões nas quais se afastam, que

diferem, questões metodológicas e teóricas que delimitam as especificidades de suas áreas. Percebemos que, embora existam singularidades que as definam como saberes distintos, aqui nos interessa uma reflexão acerca da questão que provavelmente mais as aproximam – a narrativa. Narrativa que no olhar de Pesavento (2005,) “se coloca no lugar da coisa acontecida, é presentificação de uma ausência, uma representação”.

Nessa direção, Paul Ricoeur (1997) aponta que podemos dizer que a história é quase fictícia no sentido da quase-presença dos acontecimentos colocados “diante dos olhos” do leitor por uma narrativa, enquanto que a narrativa de ficção é quase histórica, à medida que os acontecimentos irrealis que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor. Diríamos, pois, que a história e a literatura são formas de discurso acerca do real. São formas de aprisionar esse real, atribuir-lhe sentidos, possibilitando seus deslizamentos.

Tomamos alguns escritos de Graciliano que remetem à relação entre o ficcional literário e a história oficial de uma época, buscando emergir a sua discursividade. Vemos o papel da memória nos escritos gracilianistas como formulações do interdiscurso, de uma memória do já-dito: “os maiores do município, governo e oposição, vinham de um grupo de famílias mais ou menos entrelaçadas poderosas no Nordeste: Cavalcantis, Albuquerque, Siqueiras, Tenórios, Aquinos” (RAMOS, 1993, p. 43). Desse modo, ao rememorar, na obra *Infância*, a cidade de Buíque, no sertão de Pernambuco, o sujeito-literato traz à tona uma sociedade cujo status social se delimitava pelo sobrenome, uma sociedade que discursivamente o sujeito-autor inscrevia na rede de formulações do que era possível dizer sobre o Nordeste: região do coronelismo, das oligarquias, da tradição, das famílias poderosas.

São essas relações sobre a memória através da história e da literatura, como formas de dizer, formas de esquecer e de lembrar, formas de discurso, que objetivamos aqui. Por que esquecemos isso? Por que lembramos daquilo? Por que dissemos isso e não outra coisa? As respostas podemos obter pelos esquecimentos, apontados por Pêcheux. Ao procurar compreender Graciliano Ramos sob o prisma da memória, Alfredo Bosi (2002) propõe que a sua obra seja analisada como um testemunho. “Nem pura ficção, nem pura historiografia; testemunho” (BOSI, 2002, p. 221). Nesse caso, testemunho de um período de silenciamento, de violência, da falta de liberdade que o sujeito-autor relaciona com as experiências vividas.

Essa enunciação de silenciamento está presente tanto no capítulo “O menino mais velho” que “tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca” (RAMOS, 2000, p. 55), quanto na prisão de *Fabiano* no capítulo “Cadeia”:

Toca pra frente, berrou o cabo. Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. – Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano. Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida, abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. (RAMOS, 2000, p. 32)

Na relação entre história e literatura, Graciliano rememora e registra as lembranças em sua obra. Ao mesmo tempo em que (re)significa um passado, a partir de uma rede de formulações discursivas, de enunciados possíveis de serem ditos, faz um contraponto ao instituído, procura uma ruptura discursiva com a continuidade arraigada naquele momento. Assim, vemos parte da obra de Graciliano Ramos se inscrever numa rede de formulações, a partir da memória do já dito. As personagens falam de um lugar social, expressam-se através de uma linguagem peculiar cujos significados e sentidos são possíveis quando conhecemos e consideramos as condições de sua produção e correlacionamos com o já-dito e esquecido.

Por outro lado, como a linguagem trata de símbolos, contendo significados, não negamos haver uma distância entre o escrito e o que ele representa. Essa lacuna, esse furo, essa incompletude, essa “vagueza”, para utilizarmos uma expressão de Michel Pêcheux, é preenchida pela linguagem, que, segundo o literato mexicano Octavio Paz, é nomeação do mundo que o autor observa e que o cerca, tornando-se um elo que dá sentido e significação à realidade, em um (re)criar cujo incessante movimento de nomeação e produção de sentidos representa a condição humana que o liberta da natureza, que o diferencia e o caracteriza como homem. “Por la palabra, el hombre es una metáfora de si mismo”(PAZ, 2003, 34).

Retomando Pêcheux, o sentido não existe em si mesmo, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo e toda *formação discursiva* dissimula sua dependência em relação ao complexo de *formações ideológicas* na qual se inscreve. Nesse perspectiva, Indursky (1998) aponta que o discursivo está igualmente ligado ao *interdiscurso*, constituído por um complexo de formações discursivas que não existem isoladamente. Elas se relacionam entre si, seja para estabelecer alianças, seja para opor-se umas às outras. Como enuncia o sujeito-autor Graciliano Ramos: “fatos antigos se renovavam, confundiam-se com outros recentes, e as notícias dos jornais determinavam perturbações nos espíritos” (RAMOS, 1993, p. 47). Dessa forma, nos permite perceber semelhança com os eixos da memória discursiva que se refere Courtine (1999), ou seja, o eixo vertical e o eixo horizontal.

A aparente contradição entre o tempo da memória e o tempo do presente, essa relação do já-dito e da sua atualização, possibilita deslizamentos e significações de um passado, de

um discurso sob o signo das lembranças. Assim, a memória, e incluímos também a memória discursiva, significa novamente. Ao criar novas formulações, suas atualizações inscrevem-se como novos acontecimentos discursivos na rede de formulações já existente. É essa relação com o já-dito que Courtine define como interdiscurso – o já-dito e esquecido em outro lugar. Dessa maneira, convergimos para o olhar que Graciliano Ramos sobre a escrita: faz da literatura um espaço de denúncia e de crítica – uma característica da FD de Esquerda na qual está inscrito. Critica os literatos que não denunciam e vivem “alheios”, que não se inscrevem nessa FD de Esquerda e cujas personagens não representam um contexto verossímil. Refere-se, por exemplo, a Amando Fontes, literato sergipano, que escreve Rua do Siriri,

Trabalhou muito, novela certinha [...] conveniente. O meio é um bairro de prostitutas [...] As meretrizes não brigam, não jogam, não bebem, nunca se dedicam à profissão, falam como senhoras e tôdas iguais, possuem sentimentos nobres. Referem-se à desgraça em que vivem, mas com injustiça. Se fôssem aquilo, venceriam, em austeridade, em recato, os mais inflexíveis estabelecimentos da educação feminina. Essas mulheres de Amando Fontes representam bem os nossos romances actuais, direitos, comedidos, inofensivos. Desapareceram os mocambos, as cadeias sujas, as bagaceiras e os canaviais, as fábricas, os saveiros, a escola da vila. E a nossa literatura começou a comportar-se, na moral e na sintaxe, como as mulheres da Rua do Siriri. Baniu-se o palavrão, verdadeiro e bíblico. Afastou-se o negro. As personagens branquearam. [...] (RAMOS, 1941, p. 4-5)

Tomando como ponto de partida a memória histórica, é importante destacarmos as condições de produção em que o enunciado acima é produzido. O ano é 1941, o Brasil vive um momento de exceção democrática, historiograficamente conhecido por Estado Novo, que duraria de 1937 a 1945. Getúlio Vargas aparelha o Estado brasileiro com instituições de repressão e de silenciamento através da censura instituída pelo DIP – Diretoria de Imprensa e Propaganda, dentre outras instituições e instrumentos autoritários.

Naquele momento histórico, Graciliano ocupava a posição-sujeito de um dos maiores literatos brasileiros, como observa Nelson Werneck Sodré (1999): “[Graciliano Ramos é] um escritor, um mestre do ofício” que não se insere apenas no rol do regionalismo. A sua obra não se refere apenas ao particular, ao local, mas trata de questões universais da condição humana a partir de uma especificidade: “Seus romances são reconstituições literárias da paisagem nordestina, mas com um conteúdo universal. Sem concessões ao pitoresco [...] a força está no tema e, sobretudo na maneira de tratá-lo, na fidelidade ao real, sem perda no nível literário, da qualidade artística” (SODRÉ, 1999, p. 80). Desse modo, corroboramos a

percepção de um literato universalista que produz seus questionamentos a partir das problemáticas aparentemente regionais.

E é nessa posição de grande literato brasileiro que Graciliano Ramos parte de uma posição-sujeito inscrita em uma Formação Discursiva de Esquerda, inserida nas condições de produção, anteriormente citadas, que se dá boa parte da sua atuação como intelectual militante, mediante as suas armas: a literatura e os seus escritos não-ficcionais. Os enunciados do sujeito Graciliano Ramos eram antagônicos aos do governo autoritário que se estabeleceu oficialmente no Brasil a partir de 1937, mas que tivera suas origens desde o início daquela década, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder durante a Revolução de 1930.

Na mesma enunciação, citada anteriormente, critica romancistas como Jorge Amado, Rachel de Queirós e José Lins do Rêgo. Pois, para Graciliano Ramos, eles já não possuem a ousadia dos seus primeiros escritos, com os quais se projetaram na literatura através das suas obras. “[...] Estão longe delas, constrangidos, limitados por numerosas conveniências. Para bem dizer, estão amarrados [...]”. E o sujeito-literato continua cobrando o engajamento e a coragem do início da carreira literária dos seus contemporâneos:

Não conseguem recobrar a pureza e a **coragem** primitivas. Transformaram-se. **Foram transformados**. Sabem que a linguagem que adotavam não convém. **Calam-se**. Não tinham nenhuma disciplina nem na gramática **nem na política**. [...] Pensam no que é necessário dizer. No que é vantajoso dizer. No que é possível dizer. (RAMOS, 1941, p. 4-5) [grifo nosso]

Observamos, assim, o sujeito-autor Graciliano Ramos com perfil engajado na estrutura social que precisa denunciar e contrário à postura dos literatos contemporâneos seus que não teriam a ousadia de outrora em seus escritos. A posição-sujeito do autor desvela a formação ideológica a qual se inscreve. Quando afirma “foram transformados”, embora indetermine o sujeito da ação que transforma os literatos citados na carta anterior, as condições de produção de sua enunciação são reveladoras do sentido que esse enunciado produz – de que foram transformados pelas circunstâncias autoritárias historicamente marcadas no Estado Novo.

Quando afirma que “calam-se”, o sujeito Graciliano aponta para uma rede de formulações já-dita, de uma memória discursiva, aponta para o silenciamento instaurado pelo governo Getúlio Vargas. Uma das formulações dessa rede que buscamos reconstruir e entretecer pode ser apontada na obra *Vidas Secas* (1938) – publicada no segundo ano do Estado Novo – no episódio da prisão da personagem Fabiano, que era silenciada, que pouco falava, cujo papagaio quase mudo, apenas repetia o aboiar do vaqueiro e imitava o latido da cadela Baleia,

desvelando a ausência de fala de Fabiano e de sua família. O silenciamento das personagens faz emergir da materialidade do texto literário, o efeito de sentido mascarado pela ideologia dominante de que muitas pessoas eram silenciadas durante o governo Getúlio Vargas.

Assim, Graciliano faz da literatura uma enunciação discursiva e um contraponto para resistir e denunciar a ordem instituída. Desvela-se essa característica em suas cartas pessoais, em seus discursos, crônicas, ensaios e fragmentos. É esse sujeito-autor Graciliano que buscamos analisar, em sua posição-sujeito literato que utiliza os seus escritos e a sua obra como resistência às relações de poder presentes no cotidiano e que permeiam o corpo social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. O discurso inatingível: marxismo e lingüística (1965-1985). Tradução: Heloisa Monteiro Rosário. In: *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, nº. 6, abr-jun, 1999.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: II Seminário de Estudos em Análise do Discurso: o campo da análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. CD-ROM. Porto Alegre: UFRGS, 31/10/2005 a 04/11/2005.

INDURSKY, Freda. A Análise do Discurso e sua inserção no campo das ciências da linguagem. In: *Cadernos do IL*, 20 dez. de 1998. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS. p. 17.

PAZ, Octavio. *El arco y la lira: el poema, la revelación poética, poesía e historia*. México: Fondo de Cultura Económica. 3.ed. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Palavras para crer: imaginários de sentido que falam do passado*. II Seminário de Estudos em Análise do Discurso: o campo da análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. CD-ROM. Porto Alegre: UFRGS, 31/10/2005 a 04/11/2005.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Orlandi et al. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1988.

RAMOS, Graciliano. *Decadência do romance brasileiro*. Crítica acerca dos romancistas regionalistas nordestinos: Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queirós e Amando Fontes. Instituto de Estudos Brasileiros, USP. Fundo Arquivo Graciliano Ramos, Série Manuscritos: Crônicas, Ensaios e Fragmentos. Notação 10.2, caixa 1/1, 6 fls., 20.10.1941.

_____. *Vidas secas*. 80. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Infância*. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo III*. Campinas/SP: Papirus, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Literatura e história no Brasil contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.